

A SOCIEDADE PÓS-MORALISTA: O CREPÚSCULO DO DEVER E A ÉTICA INDOLOR DOS NOVOS TEMPOS DEMOCRÁTICOS

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2005.

Maria do Carmo Lincoln Ramalho Paes
Mestre em Educação pela Uniso
Profa. de História
E-mail: marialincoln@itelefonica.com.br

Lipovetsky caracteriza a pós-modernidade sob a ótica de que há uma diferença no registro social de valores; sua argumentação avalia que a nossa cultura amesquinha os deveres e consagra, acima de tudo, os direitos. Afirma-se uma nova tendência que busca desonerar a moral da noção de sacrifício que tradicionalmente a acompanha.

Há o aparecimento de uma ética, e esta é propagada em todo lugar, todavia é uma ética que não estimula a ponto de sacrificar os interesses do indivíduo, acontece sob uma forma da qual o cidadão se encontra ausente. O autor explicita que se deve conceber a época pós-moralista como um “caos organizado”. Não se trata do fim da ética, mas do surgimento de uma ética renovada, com ênfase nos direitos do homem, uma ética indolor, sem sacrifícios. Apesar da retomada da ética, o convite que se faz é o da responsabilidade, sem, todavia, ameaçar os direitos em prol dos valores individualistas e eudemonistas.

No entender de Lipovetsky, as sociedades contemporâneas oscilam sob dois extremos, entre dois discursos diametralmente opostos: de um lado, o da revivescência da moral e, do outro, o da decadência da moral, sob o açodo do avanço da delinqüência.

A nossa cultura ética é assimilada por uma sociedade que não exalta os mandados transcendentais e, ademais, os eufemiza e desacredita, desvalorizando o ideal de abnegação, estimulando o egocentrismo e o materialismo. Estamos numa era em que se vive sem coação e em que cada um escolhe o seu modo de existência.

Segundo essa leitura, os grandes eixos modernos da revolução, das disciplinas, do laicismo e da vanguarda perderam sua força diante da personalização hedonista. Introduz-se a filosofia como um desafio a pensar o cotidiano numa perspectiva que dispensa um sistema conceitual que, na sua tentativa de tudo explicar, relega o empírico e ignora as práticas concretas e polissêmicas.

No horizonte desses pressupostos, Lipovetsky buscou trazer a filosofia para a esfera dos acontecimentos diários. Afirma que no passado o coletivo impunha normas ao indivíduo, que os processos civilizatórios domaram o homem, que a repressão e a

religião eram sinônimas, domesticando e moldando o indivíduo por vários séculos. A teologia foi construída de forma a justificar todas as violências, usurpações e mesmo as esperanças. O autor salienta que estamos em outra época, o nosso tempo é pós-disciplinar, livre do opressor dever do sacrifício. O “crepúsculo do dever” é a aurora da liberdade de escolha, da livre identidade. A responsabilidade pós-moralista é o dever desonerado da noção do sacrifício.

Na visão do autor, por sociedade pós-moralista deve-se entender uma organização social que repudia a retórica do dever austero, integral, maniqueísta, e que, paralelamente, exalta os direitos individuais, voltados para a plena autonomia. Uma sociedade que busca reduzir as normas e regras que enfatizam o limite e o sacrifício, dando crédito apenas às normas indolores da vida ética.

O autor argumenta que, na, sociedade hipermoderna, aparecem outros valores, surgem novos dilemas e retornam antigos conflitos. Na imensa teia da moral, da religião e dos processos civilizatórios, a disciplina cumpriu sua função no passado. O tempo hodierno é de menos Estado e mais sociedade, menos identidade e mais identificação, menos coletivo e mais individualidade responsável.

Lipovetsky afirma estarmos na era do “crepúsculo do dever”, da “ética indolor”, dos “novos tempos democráticos”, em que os valores, embora não desapareçam, transformam-se. Sacrifica-se uma ética absolutamente desinteressada por uma ética capaz de conciliar interesse individual e sociedade. Menos altruísmo e mais lucidez eficaz, menos retórica e abstração e mais prática. É a mudança de paradigma. O autor ressalta que a transformação acontece dentro dos marcos da sociedade liberal e não fora deles, ou seja, ela é produto de uma sociedade baseada no dissenso e, portanto, não favorável a uma nova totalidade sistêmica e utópica. Não se trata da afirmação da verdade, mas sim de uma leitura possível da realidade. Vivemos em tempos de uma “ética minimalista”, na qual o altruísmo recua, mas não a responsabilidade.

A utopia encolheu, a revolução cedeu lugar à reforma permanente. Morte da metafísica da promessa. O social creditado no aqui e agora, sem garantias a longo prazo. Elevação da epistemologia da suspeita. Crise das narrativas. Sofrer não leva ao paraíso, não há paraíso. As fundamentações absolutas desabam. O homem já não precisa da mesma disciplina para manter-se homem. O “crepúsculo de dever” é a aurora da liberdade de escolha. Ele define que, neste novo tempo, os princípios da deontologia não são aptos a dar soluções consensuais para os problemas de natureza inédita levantados na atualidade. Entramos não na “sociedade do espetáculo”, mas na sociedade hiperespetacular. A participação cedeu lugar à interatividade, a manipulação foi superada pelo imaginário. É a época da ética indolor, que não exige do sujeito sofrimento nem sacrifícios; uma ética democrática, sempre ciosa das questões e problemas atuais,

todavia sem o caráter de formular respostas definitivas, nem normatizações e é mais pós-moralista do que idealista.

A era pós-moralista identifica-se com o despojamento das responsabilidades morais face à coletividade e com uma revalorização social da esfera estritamente interindividual.

Ele analisa também a questão da cidadania planetária, da consciência verde e afirma que a época pós-moralista corresponde à ascensão de novas regras morais, centrada na natureza, denominada ética do meio ambiente. Lipovetsky afirma que a época registra o triunfo dos valores ecológicos, é o momento do pacto com a natureza e a era da cidadania mundial. Ele adverte que, apesar da “consciência verde” das massas, será sempre no sentido da exigência dos direitos individualistas, da exigência de se viver melhor e mais tempo.

Segundo o autor, as pessoas não estão mais interessadas em buscar ideais morais e/ou cultivar valores morais. A classe política abandonou as utopias e os idealistas de ontem tornaram-se pragmáticos. A era que vem “depois do dever” só pode admitir uma moralidade muito minimalista e em declínio. É um novo cenário que devemos encarar como o advento de maior liberdade.